

A ESCOLA E AS CULTURAS LOCAIS URBANAS: DIÁLOGOS POSSÍVEIS E NECESSÁRIOS

Karina Santos da Silva

Mestranda em Educação FE/Unicamp,
pesquisadora do grupo de pesquisa Violar
(Laboratório de Estudos sobre Violência, Imaginário e Juventude)
da mesma instituição e Bolsista IFP - Fundação Ford.

INTRODUÇÃO

Apresentando reflexões ainda que preliminares de uma pesquisa de mestrado em andamento, o artigo a seguir busca compreender os sentidos atribuídos à escola pública e a relação dessa instituição de ensino com o bairro partindo do olhar e da experiência de vida de estudantes moradores de uma favela da cidade metropolitana de São Paulo.

Os estudos sobre a escola, na dimensão das relações sociais, é uma problemática investigada por diversos campos das ciências humanas. Este trabalho trata a temática da escola dentro do ponto de vista da sociologia, para assim, analisar os fenômenos educativos numa perspectiva que alargue a capacidade de compreensão da instituição escolar, para além de uma divisão arbitrária disciplinar¹, que não encontra eco nos processos sociais reais.

As pesquisas realizadas com essa perspectiva sociológica, preocupadas em compreender os problemas e desafios da educação, têm como objetivo mais geral o estudo das relações entre a educação escolar e as mudanças no meio social na qual ela se processa (FERREIRA, 2008). E como temas de análise mais específicos, para estes trabalhos, destacam-se: a relação existente entre a educação escolarizada e as modificações introduzidas no mundo do trabalho pelos processos de urbanização e industrialização nas grandes cidades; e as interferências dessa mudança social maior na escola.

Um destes estudos é a pesquisa desenvolvida pela antropóloga Josildeth Consorte no trabalho intitulado “A educação nos estudos de comunidades no Brasil” (1956). Neste trabalho, ela verificou que até então o processo de educação foi objeto de poucas referências e, “a atenção dada às atitudes e expectativas da criança em relação à escola era mínima e a preocupação com encarar a escola como instituição de um sistema

¹ Segundo Florestan, “... os métodos sociológicos podem ser aplicados à investigação e à explicação de qualquer fenômeno social particular sem que, por isso, se deva admitir a existência de uma disciplina especial, com objetivos e problemas próprios” (FLORESTAN, p. 29-30, 1960).

integrativo maior de que participam as comunidades, quase inexistente”. (CONSORTE, 1956, p. 64).

Em “A criança favelada e a escola pública”, o principal foco de análise de Consorte foi em relação às dificuldades que a criança, moradora de favela, enfrenta para se adaptar às normas da escola. De acordo com a pesquisa, diversos problemas associados à origem social e à condição econômica foram identificados, entre eles: a desorganização familiar e a falta de instrução dos pais para auxiliar seus filhos nas lições, que, em muitos casos, afetaram profundamente a vida escolar das crianças.

Recentemente, têm sido desenvolvidas investigações sobre as desigualdades educacionais para além do foco sobre a origem socioeconômica, tratando a dimensão da localização territorial como capaz de influenciar a distribuição de oportunidades educacionais (RIBEIRO & KAZTAMAN, 2008). Essas pesquisas apontam uma diferença na qualidade das escolas entre uma região mais central e outras regiões mais periféricas.

Outros estudos² sobre a escola trazem as representações equivocadas de professores sobre a favela e seus moradores, demonstrando que ao longo dos anos permanece a ideia de que a favela é um lugar onde predomina a falta de regulação, pobreza, promiscuidade e cultura da violência. A favela, ainda hoje, é tratada como o *locus* da pobreza e, na maioria das vezes, é considerada como a responsável pelas dificuldades enfrentadas pelos estudantes em permanecer na escola ou pelo seu fracasso.

Assim, essas pesquisas apontadas acima, embora tenham sua legitimidade e contribuições relevantes para o campo educacional, na maioria dos casos, dão pouca importância para outros processos de aprendizagens, restringindo o campo do saber à instituição escolar e não considerando, muitas vezes, a própria experiência de vida entendida como produtora de conhecimento.

Esse é ponto de partida da presente pesquisa, na medida em que estuda a escola pública na sociedade contemporânea, trazendo a tona múltiplos olhares sobre a educação e considerando a experiência de vida dos estudantes. Os saberes específicos adquiridos no espaço escolar não excluem os saberes apreendidos em outros espaços educativos, como: a família, o bairro e o trabalho.

² Fernanda de Moraes Ribeiro (2009), em seu artigo intitulado Escola e Favela: uma comparação entre os anos 1950 e os anos 2000, constata que a diversidade da favela continua seguindo uma visão simplificada verificando a predominância da representação da favela como *locus* de pobreza.

PROBLEMA DE PESQUISA

O meu interesse por essa temática, as inquietações e as dúvidas levantadas na pesquisa estão intimamente ligadas com minhas experiências vividas como moradora na favela Real Parque.

É atravessada por experiência que pretendo investigar: de que maneira se constitui as relações sociais entre a escola, o bairro e a favela? Quais sentidos são atribuídos à escola pública pelos estudantes, jovens, crianças e adultos moradores de periferias e favelas da cidade de São Paulo?

METODOLOGIA DE PESQUISA

Para capturar esses sentidos, foi necessário ter como fio condutor os procedimentos do referencial teórico-metodológico da história oral³ que tem como um de seus princípios a valorização de subjetividades singulares, constituindo um corpo social conectado a experiência humana.

Os procedimentos previstos na metodologia da história oral passam pela elaboração do projeto, que definirá os objetivos do trabalho, e pela realização de entrevistas gravadas em aparelhos eletrônicos que são transformadas em textos escritos. Segundo Meihy, as entrevistas fazem parte de todo o processo, que pressupõe a relação de pessoas em diálogo. E a apreensão da narrativa acontece no tempo presente, garantindo um significado primordial para os colaboradores⁴ dessa pesquisa, que vivem um processo social em curso.

A entrevista em história oral pressupõe algumas etapas: a transcrição literal do oral para o escrito, em seguida, a textualização, na qual são eliminadas as perguntas, reorganizando o texto e definindo o tom vital da entrevista, a transcrição⁵, onde os textos são recriados, e por fim, a entrega da versão do texto autorizado. “Em história oral, o reconhecimento do texto, procedido pela conferência e pela autorização, determina se o colaborador se identificou ou não com o resultado. É essa a grande prova da qualidade do texto final” (MEIHY, p140, 2010).

³ A história oral é composta por três gêneros distintos que são: a história oral de vida, a história oral temática e a tradição oral (MEIHY, p.35, 2010).

⁴ Segundo Meihy (2010), o termo colaborador estabelece uma relação de compromisso entre o entrevistador e o entrevistado.

⁵ Segundo Guimarães: “Meihy (1991: 32) utiliza o termo transcrição no sentido poético dado por Heraldo de Campos para a realização de suas traduções. Campos opera uma transformação do texto traduzido em relação ao original, sem abandoná-lo, mas dele se distanciando para poder transcriar com a liberdade e criar um novo original” (GUIMARÃES, p.28, 2010).

Esta pesquisa seguiu parte dessas etapas, mas diferentemente de Meihy, considere como Caldas (1999), que todo o processo da história oral faz parte de uma transcrição, e não ousei fazer a etapa da transcrição, entendida pelo Meihy, como teatralização⁶ do que foi dito.

Apoiando no procedimento da história oral, esta pesquisa foi realizada em uma escola⁷ da rede municipal da capital de São Paulo que atende 949 alunos moradores da favela do Jardim Panorama, Paraisópolis e a favela do Real Parque, localizadas no bairro do Morumbi. Para esta investigação foi selecionada a favela do Real Parque, porque é onde a escola está localizada e porque esta favela, atualmente, está sendo urbanizada⁸.

Esse processo de urbanização tem desencadeado mudanças profundas, tanto no cotidiano escolar quanto na vida dos estudantes. De um lado, há jovens que não concluem o ano letivo, ou pela falta de vagas em outra escola ou pela distância da nova casa para a antiga escola. Seus pais são pressionados para sair rapidamente da favela, lugar onde constituíram seus laços de amizade, suas culturas e identidades. Do outro lado, está a escola que vem perdendo um número considerável de alunos.

Tendo em vista o quadro apresentado, meu projeto de história oral de vida traz a trajetória pessoal e profissional de oito pessoas que foram entrevistadas no ano de 2011 e selecionadas de maneira que possibilitasse diferentes visões de dois espaços comuns: a escola e a favela. Para isso contei com a colaboração de um professor de geografia, uma professora de português, ambos trabalham na escola pesquisada, uma inspetora moradora da comunidade, uma ex-funcionária, duas jovens ex-estudante e dois jovens que estudam atualmente.

Entretanto, neste artigo mostrarei alguns trechos da história oral de vida narradas por Gisele ex-estudante da escola investigada, moradora da favela Real Parque e professora de educação infantil e por Isabel, inspetora de alunos da escola, moradora da mesma favela e ex-aluna. Ao invés do uso de questionários com perguntas fixas provoqueei estímulos, ou seja, pequenas interferências que incitaram as entrevistadas a falarem sobre a infância, as mudanças ocorridas dentro da favela e no bairro, os preconceitos vividos por morar nesse lugar e sobre a imagem que elas têm da escola.

⁶ Meihy (2010), propõe a entrada de um novo elemento, o teatro de linguagem, termo emprestado de Roland Barthes.

⁷ Devido algumas restrições para a realização da pesquisa não será possível mencionar o nome da escola investigada.

⁸ Essa urbanização está vinculada ao Programa de Urbanização de Favelas da Prefeitura da cidade São Paulo. Sob coordenação da Secretária Municipal de Habitação da região sul.

As entrevistas foram realizadas nos meses de julho e agosto de 2011 nas casas das colaboradoras e apesar das histórias terem suas diferenças foi possível captar o entrecruzamento do tempo passado e o presente nas experiências individuais fazendo parte de um conjunto maior tecendo memória coletiva da comunidade Real Parque.

A fim de complementar esses princípios metodológicos busco contribuições nos estudos da etnografia na perspectiva da sociologia do cotidiano para entender como se dá a produção da vida social em sua micro relação ampliando para macroestrutura que constituía a nossa sociedade. Nesse sentido, “a sociologia é a do descobrimento, da revelação – o desafio é revelar a vida social na textura ou na espuma da aparente rotina de todos os dias” (PAES, 1993, p.110).

Considerando esses aspectos, procuro nestas rotas das descobertas, sentidos mais amplos para pensar a função da escola para os jovens e adultos moradores de favelas que carregam para a sala de aula suas experiências, culturas, jeitos de falar, vestir e de agir e reagir frente à rigidez do ensino escolarizado que, na maioria das vezes, desconsidera suas histórias de vida, o seu conhecimento produzido silenciando assim suas vozes.

Para realização das análises das entrevistas apoio me na produção de Benjamin que visa uma nova compreensão da história humana na atual modernidade.

Apoio me nas leituras feitas de “Infância em Berlim” por volta de 1900 nos apresenta a memória individual transformada em experiência coletiva na medida em que expressa a memória de uma cidade e de uma época. Da mesma forma a trajetória individual de Gisele e Isabel, revelam o vínculo com a família, às marcas deixadas pela escola e mostram como suas vidas foram modificadas com o crescimento econômico do bairro do Morumbi.

Embora esse artigo aborde questões de uma determinada realidade escolar, é possível ampliar essa problemática para os desafios da educação brasileira como um todo, que é marcada por profundas desigualdades econômicas, sociais, de gênero, de raça, entre outras.

AS HISTÓRIAS DE VIDA

A primeira história apresentada é da Gisele, pedagoga formada no Instituto Superior de Educação de São Paulo – Singularidades. É casada com Josias, tem uma filha chamada Agatha e trabalha atualmente como professora na Creche de Educação

Infantil – “Criança Brasil” que atende as crianças da favela Real Parque, onde ela morou. Nasceu em Pernambuco e veio para São Paulo quando tinha um ano de idade acompanhada de seus pais, Carminha e Antônio, que vieram para capital à procura de emprego. Logo que chegaram a São Paulo, a família de Gisele foi morar de favor em Osasco na casa de um tio, passando necessidades e sofrendo muitas humilhações. Para sair dessa situação, seu pai aceitou a casa que sua patroa comprou na favela do Real Parque onde a entrevistada morou por 24 anos de sua vida.

Durante nossa conversa, Gisele contou com detalhes como foi a sua infância e as dificuldades enfrentadas dentro de casa por ela e seus dois irmãos mais velhos na época em que seus pais tinham problemas com bebidas alcoólicas, manifestando também sua opinião sobre a situação da escola pública.

“... Vejo uma distância entre a escola e a favela do Real Parque. Penso que não é porque uma pessoa mora numa favela que não merece ter acesso a uma educação melhor. O professor vê que a criança é dali, um favelado, e dá sua aula de qualquer jeito. Isso deveria ser mudado. Olha para mim, sempre morei aqui e não é por isso que eu não posso ter uma oportunidade de ser melhor, alguém na vida, é a mesma coisa que penso sobre essas crianças. Qual é o futuro?...”

A segunda história de vida é da Isabel, conhecida na comunidade e na escola como Tuca, inspetora de alunos há mais de 15 anos. É mãe solteira de um menino de 12 anos, moradora da favela do Real Parque e exestudante da mesma escola em que trabalha. Sua entrevista foi marcada por lembranças de sua trajetória como aluna pelos detalhes do cotidiano escolar, envolvendo os problemas que ela enfrenta diariamente para exercer sua função e os desafios encontrados pelos professores em sala de aula.

Em sua entrevista, ela revela alguns episódios de preconceitos sofridos por ela dentro da escola.

“... Uma aluna da 8ª série foi na secretaria pegar o irmão, que é terrível. A pessoa que estava na secretaria começou a reclamar da indisciplina do menino. Eu estava próxima, só ouvindo. A menina parou de olhar para esse funcionário e perguntou para mim sobre o que estava acontecendo. Fui sincera. Disse usando o nosso linguajar que, realmente, ele estava dando muito trabalho. Mas a professora ficou ofendida e interrompeu a conversa dizendo: “você duas se entendem porque são da mesma laia.” O que isso quis dizer? Somos da mesma favela e, por isso, temos a mesma educação. “A questão é que filho de pobre dá dinheiro, porque gera emprego para vocês”. Hoje, a

grande preocupação da equipe é à saída da favela e o fechamento do período noturno. Então, eles perguntam: “o que vai acontecer quando os alunos saírem da favela para outro lugar?”. Eu respondo: “Vai ficar todo mundo sem emprego e sem escola. É. Filho de pobre, favelado, dá emprego para todo mundo...”

MEMÓRIA E EDUCAÇÃO DAS SENSIBILIDADES

Recordar a própria vida é fundamental para a constituição da identidade dos sujeitos, é uma maneira de refletir sobre o presente a partir das lembranças do passado que permiti nos conhecer melhor. Aprender a ouvir e mergulhar nas histórias narradas por outras pessoas é outro elemento essencial para conectarmos com experiências vividas em outros tempos possibilitando um encontro com a nossa própria história.

Partindo desse princípio, as histórias narradas por Gisele e Isabel são uma ponte entre passado e o presente, na medida em que suas histórias revelam experiências vividas na infância em movimento com a situação presente. O ato de narrar carrega a potencialidade de articular histórias individuais com histórias coletivas, portanto, “a narração não é um produto de vozes, mas de tudo que é apreendido na vida social. Ouvinte e narrador partilham de uma coletividade, de uma experiência comum” (Kramer, 1992, p.73).

É por isso que nas entrevistas realizadas com as colaboradoras, citadas acima, foi possível captar as manifestações do tempo presente nas histórias individuais, que inter cruzadas com a vida social, tecem a memória coletiva da comunidade Real Parque.

A memória expressada nessas histórias revela outro lado do progresso do bairro Morumbi não registrada e não divulgada para a sociedade. São histórias silenciadas de trabalhadoras e trabalhadores que foram e continuam sendo, mão de obra divina da persistência que sobrevive e cria diariamente formas de driblar a miséria rodeada de tanta riqueza esbanjada nos luxuosos prédios residenciais do Morumbi e nos prédios comerciais da Av. Luís Carlos Berrini, atualmente considerado o novo centro empresarial de São Paulo.

A modernidade é apresentada nesse contexto como o crescimento de uma cidade que caminha para um futuro contínuo, sem desordem, camuflando brutalmente as fragilidades desse desenvolvimento construindo ao longo da história uma falsa ideia de que todos desfrutaram dessas conquistas obtidas. Apesar de acreditarmos

inconscientemente que o progresso mudará nossas vidas para melhor nos damos conta da armadilha que caímos quando nos vemos obrigados a sair da própria casa para garantir o avanço da modernização.

“A casa da minha mãe saiu da favela e agora pela primeira vez estamos morando distantes uma da outra. Ela encontrou uma casa para alugar no Taboão perto do Terminal do Campo Limpo. Esta muito ruim essa distancia. Cortou o cordão umbilical”.

Nesse trecho da história de Gisele fica evidente o quanto a urbanização da favela Real Parque tem fragmentado a sua relação com seus familiares que antes moravam próximos. O problema não está nos investimentos público para a construção de moradia popular, mas sim na forma como se dá o processo de remoção de famílias de uma área.

A favela do Real Parque existe há mais de 50 anos. Os moradores construíram suas casas, criaram laços familiares e com amigos, trabalham no bairro, utilizam o serviço público de saúde embora o atendimento seja precário, e as crianças e adolescentes têm acesso à escola a alguns minutos de suas casas.

O processo de urbanização é repressivo porque os moradores não conseguem pensar e nem opinar sobre o projeto de urbanização feito pela Secretária de Habitação que será destinado a eles. As assistentes sociais não esclarecem as dúvidas referentes ao tempo previsto das obras, ao custo dos apartamentos e, muito menos, apoiam o morador a procurar outra casa, provisória, com calma.

É claro que não gostamos de morar em barraco e de não ter conforto, pelo menos, para dormir principalmente em épocas de chuva quando as casas são invadidas pela água, ou porque os telhados estão quebrados ou pelo fato de morar no morro em áreas de risco.

Porém só a verticalização da favela não resolverá o problema da miséria mais profunda que perpassa outras esferas: a falta de médicos no posto de saúde, a precariedade do transporte público e, principalmente, a má qualidade do ensino público.

O conjunto desses fatores mostram os impactos da modernidade na vida real e social das pessoas. A verticalização da favela está vinculada um projeto maior que visa limpar a cidade. É o que Benjamin chama de embelezamento estratégico. É estratégico para manutenção da ordem a aglomeração das pessoas em apartamentos minúsculos independente dos números de membros familiares e a criação de critérios de seleção das famílias que serão vizinhas dos prédios residências de luxo, de acordo com

a quantidade de filhos e com o salário na tentativa de não incomodar tanto a vizinhança que é contra a construção dos prédios só pelo fato de estar próximo de seus apartamentos. É inegável que o projeto de cidade desejado pelas classes dominante esteja ligado a uma concepção de potência que deve ser mantida higienizando a pobreza:

“...São uma nova invenção do luxo industrial, são vias cobertas de vidro e com o piso de mármore, passando por blocos de prédios, cujos proprietários se reuniram para tais especulações. Dos dois lados dessas ruas, cuja iluminação vem do alto, exibem-se as lojas mais elegantes, de modo tal que uma dessas pesagens é uma cidade em miniatura é até mesmo um mundo em miniatura.” (BENJAMIN, in Guia ilustrado de Paris, p.31, 1991)

Para Benjamin o “desencanto do mundo na era capitalista significa o declínio da experiência humana coletiva e a ruptura do seu “charme libertador” (Lowy, 1986, p.633). Com o declínio da experiência o que resta são as vivências marcadas pelo tempo acelerado da urbanização da favela Real Parque que afeta intensamente o cotidiano escolar.

Os problemas enfrentados na escola pela inspetora Tuca são tencionadas, mais ainda, com as transformações no bairro. A falta de concentração dos alunos, a indisciplinas, as brigas dentro e fora da sala de aula são reflexos do caos instaurado no bairro. Dentro do mesmo espaço estão os professores que não conseguem dar aula, não são sensibilizados para questionar o que está acontecendo. Tudo isso são elementos gerados nesse complexo contexto.

Esse espaço educacional, retratado pelas entrevistadas, revela atitudes preconceituosas da comunidade escolar que são naturalizadas pela rotina e pela desvalorização das pessoas, retirando, dos professores e dos alunos, o papel de produtores de conhecimentos.

Nesse aspecto, a escola torna-se um espaço de encontros e desencontros. Encontramos no contexto escolar culturas diferentes entre a equipe escolar e os alunos construindo assim, uma rede complexa de relações sociais. Do outro lado os desencontros, na superficialidade das relações. A escola e o conhecimento são desconectados com a produção da vida.

Pois qual é o valor de todo o nosso patrimônio cultural, se a experiência não mais se vincula a nós? A horrível mixórdia de estilos e concepções de mundo do século passado mostrou-nos com tantas clarezas aonde esses valores culturais

podem nos conduzir, quando a experiência nos é subtraída, hipócrita ou sorrateiramente, que é hoje em dia porva de honradez condessar nossa pobreza. Sim, é preferível confessar que essa pobreza de experiência não é mais privada, mas de toda a humanidade (Benjamin, 1987^a, p.115).

A pobreza da experiência, nos espaços escolares, transforma as aulas em vivências automatizadas sem sentido, e faz do conhecimento um conhecimento retalhado corrompido pelas relações líquidas estabelecidas entre professores e alunos, diretor e coordenador e professores entre os professores.

CONSIDERAÇÃO FINAIS

Diante de tantos desafios, é preciso encontrar possibilidades existentes para realizar ações concretas dentro dos espaços escolares para fazer uma educação para a sensibilidade que reconheça professores e estudantes como sujeitos históricos. Construindo assim um diálogo possível e necessário entre esses dois mundos que estão aparentemente separados: A favela e a Escola.

Enfim, compreender o papel da escola, tendo como fio condutor as vozes dos próprios jovens sobre esse espaço na relação com suas vidas cotidianas, é um passo imprescindível para derrubar barreiras ou no mínimo quebrar alguns tabus e pré-conceitos produzidos nos espaços institucionais sobre as vidas marginalizadas e silenciadas da favela. Em suma, as experiências rememoradas nas histórias orais de vidas oferecem meios para pensar em novas formas de ver e fazer a educação no sentido mais amplo da palavra.

BIBLIOGRAFIA

BEAUD, Stéphane e WEBER, Florence. **Guia para a Pesquisa de Campo: produzir e analisar dados etnográficos**. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2007.

BENJAMIN, Walter. **O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov**. In: BENJAMIN, WALTER. *Obras Escolhidas: Magia e Técnica, Arte e Política*. Editora Brasiliense: São Paulo, 1996.

_____. **Teses sobre o conceito de História**. In: FERNANDES, Florestan (coord). Walter Benjamin. *Coleção Grandes Cientistas*, nº 50. Editora Ática: São Paulo, 1991.

_____. **Paris capital do século XIX**. In: FERNANDES, Florestan (coord). Walter Benjamin. *Coleção Grandes Cientistas*, nº 50. Editora Ática: São Paulo, 1991.

_____. **Infância em Berlim por volta de 1900**. In: *Obras escolhidas II – Rua de Mão Única*. Editora brasiliense. São Paulo, 1995.

LÖWY, Michael. Walter Benjamin: **aviso de incêndio: uma leitura sobre as teses “Sobre o conceito de História”**. Editora Boitempo: São Paulo, 2005.

GUIMARÃES, Áurea M. **Vidas de Jovens Militantes**. Tese de Livre Docência. Faculdade de Educação da Unicamp. 2011.

MEIHY, José Carlos Sebe Boom. **Definindo História Oral e Memória**. São Paulo, CERU nº 05, 1994.

_____. **Augusto & Lea: um caso de (des) amor em tempo modernos**. São Paulo, Contexto, 2006.

Oralidades: *Revista de História Oral/Núcleo de Estudos em História Oral do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo*. Ano1, n.1(jan/jun, 2007) – São Paulo: NEHO, 2007.

PAIS, José Machado. **Á descoberta dos enigmas do cotidiano, in Vida Cotidiana: enigmas e revelações**. SP: Cortez, 2003.

_____. **Nas rotas do cotidiano**. *Revista Critica de Ciências Sociais*, Lisboa, nº 37, junho 1993.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: História Oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1935.